

publicação/publicación de



Programa Sindical
Regional



T rabalho/Trabajo

Comissão Sociolaboral e SGT 10 debatem a estratégia para o emprego - Na semana de 17 a 21 de maio realizaram-se as reuniões ordinárias da Comissão Sociolaboral – CSL do Mercosul (organismo tripartite encarregado de fazer o seguimento da Declaração Sociolaboral) e do Subgrupo de Relações Trabalhistas, Emprego e Seguridade Social – SGT 10, organismo intergovernamental, que conta com a participação de representações sindicais e empresariais (na qualidade de observadores). Nos dois âmbitos o principal tema de discussão foi a **Declaração de Ministros do Trabalho** (ver o *Correio Sindical Mercosul* n. 159), assinada durante a Conferencia Regional de Emprego, realizada um mês antes nessa mesma cidade.

A Declaração dos Ministros afirma em seu primeiro ponto de resolução a necessidade de se estabelecer uma Estratégia Mercosul para a promoção do Emprego Decente e pede ao CM e GMC que trate do tema. Para tanto aponta a necessidade de se fortalecer o Observatório do Mercado de Trabalho e enumera uma série de objetivos que devem ser contemplados nessa estratégia.

O único consenso alcançado pela CSL (que deverá ser um dos organismos a participar da elaboração da estratégia Mercosul) foi o de aguardar instruções do GMC. Porém as representações governamentais (Ministérios do Trabalho) decidiram realizar desde já atividades preparatórias e deverão convocar reuniões das seções nacionais da CSL e representantes dos ministérios citados na Declaração Ministerial para analisar a metodologia de trabalho a ser usada, bem como decidiram fazer um levantamento da legislação e programas nacionais existentes que tenham relação com os objetivos propostos na Declaração. A bancada sindical apoiou a medida e se dispôs a colaborar com a mesma.

No SGT 10 deu-se seqüência ao tratamento dos temas que já estavam pautados (formação profissional, migrações, trabalho infantil, saúde e segurança no trabalho, etc) mas prioritariamente se tratou da Declaração ministerial, tendo-se consensuado a necessidade de adequar a agenda do Subgrupo aos termos propostos pela Declaração. Foi decidido antecipar a próxima reunião ordinária para agosto próximo (no Brasil) quando se analisará uma proposta de agenda que deverá ser elaborada pela seção brasileira do SGT 10, em torno a três eixos centrais: Promoção do Emprego Decente; Fortalecimento da Dimensão Sociolaboral e Livre Circulação de Mão de Obra. (*Correio Sindical Mercosul*, 22/05/04)

Promoção/Promoción



Coordenadora de
Centrais Sindicais
do Cone Sul

Edição/Edición



Consultoria Econômica Social Integrada- CESI

Uruguay: Más de sesenta mil trabajadores desocupados en la construcción- Más de 60 mil trabajadores de la construcción permanecen desocupados, según las cifras que maneja el Sindicato Único Nacional de la Construcción y afines (Sunca). La crisis que comenzó en el año 1998 y que aún se percibe por estos días, causó un fuerte impacto en el sector. Así lo manifestó el dirigente gremial Julio Rodas. El Sunca --en la jornada de ayer cumplió 46 años-- sostuvo que este es el período de mayor afectación sobre el número de mano de obra, cuando históricamente el sector ha tenido más de treinta mil trabajadores en forma permanente.

Por su parte, el dirigente Jorge Mesa informó que en el mes de junio la gremial le presentará a todos los partidos políticos "una batería de propuestas a los efectos de reactivar el sector". Se manejan como posibilidades la creación de un plan quinquenal de vivienda, el desarrollo de las infraestructuras del país y un par de propuestas "novedosas" que se relacionan al vínculo con el desarrollo del turismo local con la posibilidad de que ello genere un crecimiento sostenido de la construcción en el Interior del país.

También se planteará la conformación de una institución que responda al sector y que cumpla funciones de observatorio de inversiones, tecnologías y fuentes de trabajo. Mesa explicó que en la actualidad el sector formal ocupa a 16 mil trabajadores, cifra multiplicable por el doble si se toma en cuenta al sector informal y la precariedad del trabajo. En el momento en que se registró el pico máximo en la industria, el dirigente estableció que el promedio histórico siempre ha estado en una media de 30 mil trabajadores. (La Republica, 12/05/04)

Argentina- Personal doméstico : Informalidad laboral y pobreza - Según coinciden varios estudios realizados sobre los datos de la Encuesta Permanente de Hogares, la informalidad laboral está unida a la pobreza: el 67 por ciento de las empleadas domésticas, cuyo blanqueo se intenta impulsar, ostenta el privilegio de estar en ambas categorías.

Esa coincidencia acaba de ser expuesta en un seminario donde los técnicos de la Fundación Mediterránea, Gabriel Sánchez y Nadín Argañaraz, junto con Ernesto Kritz, del SEL, analizaron la informalidad laboral y los caminos para combatirla. Esto ocurrió en el mismo momento en que el titular de la Administración Federal de Ingresos Públicos, Alberto Abad, anunciaba medidas orientadas en este sentido, como el estímulo para blanquear personal doméstico, o facilitar el seguimiento del pago de aportes laborales vía Internet a los propios empleados.

De esas exposiciones elaboradas en base a datos oficiales y algunos ejercicios propios surge un perfil del problema que ninguno de los gobiernos consiguió aliviar:

- La informalidad es especialmente alta en hogares indigentes, donde el 44 por ciento de los ocupados está en esta categoría, y pobres, en los que ese porcentaje desciende al 38. Otra cara de esa situación es que el 47,5 por ciento de quienes viven en hogares donde no es posible cubrir la canasta mínima de calorías diarias requeridas están directamente desocupados.

- La informalidad es mayor en las empresas pequeñas y medianas. Valga de ejemplo que el 69 por ciento de los empleados de establecimientos que tienen entre dos y cinco empleados no están declarados, proporción que sube al 88 por ciento cuando sólo se tiene a cargo a una persona, pero que desciende abruptamente hasta el 11 por ciento en el caso de las compañías con más de quinientos empleados.

- La evasión de aportes patronales creció de modo armónico con la evasión general de impuestos. Según revela un estudio de la Fundación Mediterránea, en la década que va desde 1992 al 2002 la evasión del IVA subió del 31 por ciento al 47 por ciento, crecimiento muy similar al de la informalidad laboral, que trepó del 30 al 40 por ciento. (Pagina 12, 14/05/04)

CUT promete se antecipar à reforma sindical - Os sindicatos dos metalúrgicos do estado de São Paulo, ligados à Central Única dos Trabalhadores, querem se antecipar à reforma sindical. Durante o IV Congresso dos Metalúrgicos da CUT/SP, que começou no dia 14/05 e terminou dia 16 em São Paulo, foram aprovados os pontos do plano de medidas - como o fim da cobrança do

imposto sindical e da unicidade sindical - que já devem ser colocados em prática. Os cerca de 200 delegados de 16 sindicatos do Estado discutiram durante o IV Congresso dos Metalúrgicos da CUT/SP formas de luta relacionadas à correção da tabela do imposto de renda, redução das taxas de juros, não renovação dos acordos com o Fundo Monetário Internacional (FMI), ampliação dos programas de retomada de crescimento, redistribuição de renda, implantação da frente de trabalho, entre outras resoluções, táticas, planos de luta e reforço de mobilização dos trabalhadores.

Os metalúrgicos da CUT discutiram ainda a unificação dos estatutos dos sindicatos e a criação de comitês de trabalhadores em empresas. Eles também querem pressionar pela realização da reforma sindical, e até mesmo se antecipar à ela. Os sindicatos passarão a ter comitês de sindicalização com o objetivo de garantir que pelo menos 20% de trabalhadores sejam sindicalizados, antes mesmo que a reforma sindical seja implementada. Além disso, os metalúrgicos já pretendem colocar em prática o fim da unicidade sindical. (*Gazeta Mercantil*, 17/05/04)

Situación laboral de Paraguay y Uruguay

Paraguay - Encuesta Permanente de Hogares 2003

Participación laboral: 60%

Desempleo total: se redujo de 16,4% en el 2002 a 13% en el 2003.

Desempleo abierto: 8,1%, casi 3 puntos porcentuales menos que en el 2002 (10,8%).

Desempleo oculto: se redujo de 6,3% en el 2002 a 5,3% en el 2003.

El subempleo habría aumentado alrededor de dos puntos porcentuales entre el 2002 y el 2003 (de 22,4% a 24,1%).

Trabajador por cuenta propia: 40%

Trabajadores familiares no remunerados: 12%

Empleador o patrón: 4%

Sector primario o extractivo absorbe al 32,5% de los ocupados.

Sector secundario (manufactura, construcción, electricidad, agua): 14,7%.

Mujeres: Alrededor de 46 de cada 100 mujeres en edad de trabajar participan en el mercado laboral

(*ABC Color*, 19/05/04)

Uruguay (fuente – PIT/CNT)

* 70 mil desocupados ya no buscan trabajo.

* 485 mil trabajadores no poseen cobertura de seguridad social.

* 295 mil trabajadores perciben un salario por debajo de los 3.300 pesos.

* 250 mil uruguayos, no tienen acceso a un trabajo digno.

* Casi 500 mil, que sí lo tienen, lo hacen en condiciones precarias.

(*La Republica*, 19/05/04)

Mulher continua a liderar desemprego no Brasil - As mulheres continuam liderando a taxa de desemprego no País. Em abril de 2002, elas representavam 52,9% dos desocupados; em abril de 2003, 54,4% e em abril deste ano o contingente subiu para 56,3%. De acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, os jovens com menos de 24 anos de idade completam o perfil do desempregado brasileiro, pois representam 47% dos desocupados.

Quanto à escolaridade, em abril deste ano, havia 43,1% dos desocupados com pelo menos o 2º grau completo, enquanto em abril de 2003 eles representavam 39,2%. A pesquisa também

destaca que, entre os desocupados, 20% estavam em busca do seu primeiro trabalho e apenas 26,3% eram responsáveis pela família.

A taxa de desemprego no País alcançou 13,1% em abril, a maior taxa desde o início da nova pesquisa de emprego do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em outubro de 2001. A recuperação dos rendimentos sobre o mês anterior, iniciada em janeiro, foi interrompida em abril, com uma queda real de 0,9% sobre março. A renda caiu 3,5% comparado ao mesmo mês do ano passado.

O IBGE observou também um aumento no grupo que chama de "subocupados por insuficiência de horas trabalhadas", com jornada de trabalho inferior a 40 horas semanais e que, apesar de não estarem desempregados, continuam procurando ocupação. Eles aumentaram 14,3% de março para abril e 3,3% de abril de 2003 para abril deste ano.

Apenas dois tipos de atividades econômicas mostraram aumento de emprego significativo: a indústria (4,5% de março para abril e 3,3% em abril, ante abril de 2003) e os serviços domésticos (0,7% de março para abril e 3,5% ante abril de 2003). (*Tribuna da Imprensa, 26/05/04*)

Encontro Trabalh@dores Petroquímicos e Petroleiros do Mercosul – 5 a 7 de maio de 2004 em Salvador Bahia – veja Carta aprovada nas duas ultimas paginas deste boletim.

Mercosul/Mercosur

Mercosul quer negociar com a China - Os quatro países que integram o Mercosul vão começar em breve a negociar um acordo de livre comércio com a China, anunciou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante palestra na Universidade de Pequim no dia 24/05.

O setor privado do bloco sul-americano já começará a aproximação com os chineses em julho, quando o presidente da Argentina, Néstor Kirchner, viajará ao país acompanhado de uma comitiva empresarial do Mercosul.

O principal obstáculo a um acordo entre o bloco e a China é o Paraguai, um dos 26 países do mundo que reconhecem a independência de Taiwan, considerada "Província rebelde" pelo governo chinês. A posição paraguaia tem dificultado as negociações, porque a China não aceita ter relações diplomáticas com países que reconhecem Taiwan.

A integração regional e o fortalecimento das relações com países em desenvolvimento (a chamada política Sul-Sul) ocuparam lugar de destaque na palestra de Lula. A cerca de 200 estudantes e quase 50 integrantes de sua comitiva, Lula fez um apanhado dos temas que orientam sua atuação internacional: eliminação dos subsídios agrícolas dos países desenvolvidos, reforma do Conselho de Segurança da ONU, solução pacífica de conflitos internacionais e a aproximação entre os países do Sul. O presidente se referiu à integração da infra-estrutura dos países latino-americanos nas áreas de transporte, energia e comunicações. O combate à fome, marca registrada do discurso do presidente, foi outro tema abordado. (*Folha de São Paulo, 26/05/04*)

Argentina cresce menos por culpa do Brasil - O presidente do Banco Central da Argentina, Alfonso Prat Gay, afirmou, ontem, em Londres, que a falta de crescimento econômico no Brasil está atrapalhando o vigor da retomada no país vizinho. Segundo ele, a economia argentina deixou de se expandir de 0,5 a um ponto percentual no ano passado por causa da queda do PIB brasileiro. Para o economista, o Brasil está agora "pagando o preço da recessão

que conseguiu evitar ". Ele criticou analistas financeiros e da imprensa internacional que atribuem a retomada do país vizinho aos juros baixos nos Estados Unidos e à alta das commodities agrícolas. Primeiro, rebateu o presidente do BC, a economia argentina ficou em grande parte desconectada do mundo financeiro global depois da crise que atravessou em 2001-2002. Segundo, complementou, "é verdade que o preço da soja subiu e nos ajudou, mas essa ajuda foi da mesma magnitude que o dano causado pela falta de crescimento no Brasil".

Prat Gay disse que a economia argentina crescerá 8% neste ano, um pouco menos do que o atual ritmo de expansão (11%, segundo ele), porém mais do que a estimativa do Fundo Monetário Internacional (FMI), de 5,5%. Em 2003, o PIB aumentou 8,7%. O BC argentino prevê que, a partir do último trimestre deste ano, o crescimento econômico se acomode em níveis próximos a 5,5%, com um repique temporário, mas controlável da inflação. Relatando negociações com o Fundo, ele contou que o organismo pressionou por maior rigidez na política monetária e uma redução, em apenas quarto meses, de 3% no total de dinheiro em circulação. Sem essa medida, argumentaram os técnicos do FMI, a inflação dificilmente baixaria de 30% ao ano. A Argentina recusou a sugestão e, apesar disso, o índice de preços ao consumidor aumentou só 3,7% em 2003, lembrou Prat Gay.

O presidente do BC argentino disse não estar preocupado com a desvalorização do real nos últimos dias. Questionado sobre a viabilidade de acelerar uma eventual união monetária no Mercosul, Prat Gay disse que indexar o peso ao real, e vice-versa, não é uma solução imediata para enfrentar a volatilidade do mercado financeiro. (*Valor Online*, 12/05/04)

El BNDES financiará cinco obras en Argentina - El Banco Nacional de Desarrollo Económico y Social (BNDES) de Brasil destinará mil millones de dólares a financiar cinco obras de infraestructura el próximo año en Argentina.

El anuncio lo hizo el vicepresidente de esa institución, Dar Costa, quien dijo que los proyectos argentinos para un gasoducto, reparación de dos ferrocarriles, ampliación de una siderúrgica y otro de biogenética, deben ser aprobados en el segundo semestre de este año para que los recursos puedan invertirse en el 2005.

Recordó que el BNDES ya liberó 600 millones de dólares, de mil millones programados, para obras de infraestructura en Venezuela, que forman parte del proyecto de impulso a la integración sudamericana priorizado por el actual gobierno brasileño.

Costa explicó que la participación del BNDES se concretará en régimen de co-financiamiento con el Banco de Inversión y Comercio Exterior y el Banco de la Nación Argentina, en base de un acuerdo de cooperación firmado en abril por las tres instituciones.

Agregó que las inversiones en ese país tienen dos objetivos: desarrollar obras de infraestructura para ampliar el acceso de los productos brasileños a ese mercado, y crear condiciones para una base energética común entre las dos naciones. (*Argenpress*, 14/05/04)

México se associa ao Mercosul em julho - O México deve tornar-se membro associado do Mercosul em julho, segundo o ministro de Relações Exteriores do país, Luis Ernesto Derbez. "Durante a reunião de cúpula dos presidentes do Mercosul, em julho, vamos assumir todas as formalidades para nos tornarmos membros associados do bloco", disse Derbez, que participou da conferência "Business of the Americas" em Atlanta. Diferentemente dos membros plenos - Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai -, os associados não adotam a Tarifa Externa Comum para importações de fora do bloco. (*Gazeta Mercantil*, 21/05/04)

Detener tráfico de personas, una de las prioridades en el Mercosur - Poner freno definitivo al tráfico de personas en la región es uno de los objetivos de las fuerzas de seguridad del Mercosur. Así acordaron ministros del Interior del bloque, Perú, Bolivia y Chile, precisamente en momentos en que en nuestro país se reabre el debate con respecto a chicas adolescentes llevadas bajo engaños a España para ejercer la prostitución.

El secretario de Estado Orlando Fiorotto que asistió a la cumbre de ministros de Seguridad desarrollada días atrás en la ciudad de Santiago, Chile, dijo que "La lucha contra el tráfico ilegal de personas a nivel regional fue uno de los temas principales enfocados en la quinta reunión extraordinaria", y que la "trata de blancas" constituye precisamente una de las aristas fundamentales de debate a nivel regional.

"Se acordó desarrollar instrumentos de intercambio y cooperación efectiva en material policial y judicial en los esfuerzos comunes para combatir estos delitos transnacionales", indicó.

Los estados parte y asociados del Mercosur dieron forma a un esquema de operaciones para combatir y prevenir el tráfico de personas y los abusos inherentes a la inmigración clandestina en la región.

Fiorotto señaló que la declaración de Santiago servirá también para que la Fiscalía, el Ministerio de Relaciones Exteriores, la Secretaría de la Mujer y de la Niñez se involucren a la hora de establecer acciones conjuntas para hacer frente al tráfico de menores, con resultados a corto plazo. (*ABC Color*, 24/05/04)



Empresas & Setores

Moveleiros do Mercosul unidos para exportar

exportar - Vendas devem crescer 30% este ano. Produtores do setor de móveis e madeira do Mercosul farão uma ação conjunta para divulgar e inserir produtos fabricados no Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. A iniciativa tem como objetivo ampliar o peso das empresas do bloco no exterior e compensar a queda nas vendas internas, observada há pelo menos dois anos. Só no Brasil, o faturamento das 50 mil empresas do setor fechou em R\$ 8,8 bilhões, bem menor em relação aos R\$ 10,4 bilhões registrados em 2002.

A estratégia foi definida em reunião do Fórum Mercosul da Madeira e do Móvel, realizada em Buenos Aires no fim da semana passada. Os empresários também acertaram a realização de rodadas de negócios e a transferência de tecnologia entre os fabricantes dos quatro países.

De acordo com o secretário de desenvolvimento da produção do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Carlos Gastaldoni, os primeiros encontros podem acontecer dentro de três meses. Ele acredita que as primeiras vendas em bloco deverão ser concluídas ainda neste ano.

A iniciativa poderá ajudar o setor a aumentar seu faturamento em 18% neste ano, segundo o presidente da Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário (Abimóvel), Domingos Rigoni. Só as exportações deverão crescer 30% em relação a 2003, quando alcançaram US\$ 661 milhões. (*Gazeta Mercantil*, 18/05/04)

Sete empresas querem comprar unidade da Parmalat no Uruguai - Sete empresas manifestaram interesse em comprar a filial da multinacional italiana Parmalat no Uruguai. Na última sexta-feira, venceu o prazo de apresentação de propostas na Itália, para aquisição da unidade uruguaia.

O resultado do processo não foi informado oficialmente, mas fontes que conhecem os detalhes da negociação disseram ao jornal "El País", de Montevidéu, que quatro empresas de laticínios e três fundos de investimentos comunicaram à consultoria KPMG Itália suas intenções de comprar os ativos do grupo italiano no Uruguai.

Segundo o jornal uruguai, a partir de agora começará a etapa de pré-qualificação das empresas pela KPMG Itália.

A Parmalat, maior grupo alimentício da Itália em um dos maiores do mundo, entrou em concordata no final do ano passado depois da revelação de uma fraude contábil avaliada em cerca de R\$ 40 bilhões.

O processo de venda da filial do Uruguai foi deflagrado no início deste mês com a publicação de anúncio no diário americano "The Wall Street Journal" e no argentino "La Nación". (*Folha de São Paulo*, 24/05/04)

REPSOL YPF y Petrobras luchan por el negocio de exportación a Argentina - Las empresas petroleras YPF y Petroleras se disputan la firma de contrato que posibilitará la exportación de cuatro millones de metros cúbicos de gas por día al mercado argentino, según anunció hoy el presidente de YPFB, Jaime Barrenechea, a una radioemisora local.

La firma del convenio de exportación entre Bolivia y Argentina por espacio de seis meses no establece que empresas o que empresa petrolera asumirá la venta del energético al mercado argentino, que según Barrenechea, podría iniciarse este próximo 15 de mayo.

El convenio firmado en Buenos Aires, entre los presidentes de Bolivia y Argentina, Carlos Mesa y Néstor Kirchner, establece la venta de 4MM3/día por un tiempo de seis meses; sin embargo, éste podría extenderse dependiendo de la decisión que asuma el pueblo boliviano en el referéndum del próximo 18 de julio, acto que decidirá el futuro de los 55 trillones de pies cúbicos de gas natural que posee Bolivia.

Según informó Barrenechea, Repsol YPF y Petrobras cuentan con los respectivos permisos otorgados por la Superintendencia de Hidrocarburos para la exportación de gas a Argentina cuya crisis energética se agudizó en los últimos meses.

Ahora ambas transnacionales deberán conseguir el contrato de exportación para iniciar el envío de los 4MM3/día a Argentina, aunque aún falta definir la participación de YPFB en el negocio.

Ayer, Barrenechea informó que el negocio de venta de gas a Argentina reportará un ingreso de 44.5 millones de dólares, de los cuales Bolivia obtendrá sólo ocho millones. (*BOLPRESS* 06/05/2004)

N otas

Brasil recibirá u\$s 15.000 M en IED

La Sociedad Brasileña de Estudios de Empresas Transnacionales y de Globalización Económica (SOBEET), estima ingresos por inversión extranjera directa (IED) en Brasil del orden de los u\$s 15.000 millones para este año, lo que producirá un incremento del 50% con relación a los ingresos verificados en 2003. Año en el que el ingreso de inversiones extranjeras directas cayó un 39% con respecto a 2002, y alcanzó los u\$s 10.100 millones, el nivel más bajo desde 1996. Este cuadro quedó reflejado en una pérdida en la participación relativa de Brasil en los flujos internacionales de IED.

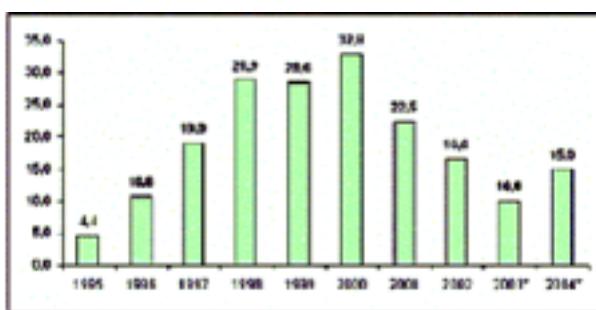
El organismo apunta en su informe, que se mantiene como desafío hacia una mayor competitividad de la economía brasileña en relación con la atracción de IED, la implementación de una política cambiaria que se oriente a una tasa de cambio menos valorizada. Elemento que considera relevante en tanto influye en la distribución sectorial de las inversiones.

Un cambio a la baja, estimularía la localización de la IED en el sector secundario, que cuenta con mayor potencial exportador, sostiene SOBEET.

El ingreso de inversiones extranjeras directas cayó un 39% en 2003 en relación con el año 2002, y alcanzó los u\$s 10.100 millones, el nivel más bajo desde 1996. Esto se reflejó en una pérdida en la participación relativa de Brasil en los flujos internacionales de IED del 2,5% de 2002 al 1,6% de 2003. En un total de flujos totales estimados por UNCTAD en 2003 del orden de los u\$s 653.000 millones.

El reflujo en la participación relativa no fue exclusivo de Brasil, sino que se extendió a otros importantes sectores de IED en América Latina, como Argentina y México. Los flujos hacia América Latina se contrajeron de u\$s 56.000 millones en 2002 a u\$s 42.000 millones en 2003, resultado en el influyó la retracción de ingresos en Argentina, México y Brasil. Parte de esa retracción estuvo asociado con la relocalización de inversiones en China y Europa del Este.

Ingresos netos de IDE (US\$ mil millones) – 1995-1994



fuente: Banco Central de Brasil- elaboración SOBEET

Origen - Desde el punto de vista de los países de origen de los recursos, Estados Unidos recuperó su posición de mayor inversor en Brasil -18,5% del total de inversiones-, que había perdido en 2002 en manos de Holanda, que ahora concentra el 11% de las inversiones extranjeras en el país.

Japón, que históricamente ocupó posiciones más modestas en el ranking, terminó 2003 como el tercer mayor inversor del país, por primera vez desde 1995, señala el informe de SOBEET. (www.mercosurabc.org.ar 13/05/04)

Los oligopolios contra la integración regional

Victor Ego Ducrot

Falsedades y verdades a medias. Ese es el escenario sobre el que se desarrolla la trama profunda de la crisis energética argentina y sus implicancias sobre el proceso de integración entre los países sudamericanos. Lo cierto es que detrás de bambalinas aparecen los verdaderos protagonistas y sus intereses: las grandes corporaciones petroleras y su voracidad a la hora de contabilizar ganancias.

Primero algunos datos.

Un reciente informe de FLACSO (Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales) demuestra que cuatro grupos multinacionales controlan el 85 por ciento de la extracción de gas: Repsol, Total, Petrobras y Panamerican. Repsol tiene participación en Transportadora de Gas del Norte (TGN) y Petrobras en Transportadora de Gas del Sur (TGS).

La consolidación de esa cadena cruza las fronteras. El gasoducto de 30 kilómetros que une Tarija (Bolivia) y Campos Durán (Argentina) es recuperado por Repsol, empresa que extrae gas en ambos países. La acordada importación argentina de gas boliviano es así más una operación intraempresa que un intercambio comercial regional.

Repsol es asimismo una de las principales exportadoras de gas hacia las usinas térmicas chilenas, y las principales extractoras (nótese que no corresponde llamarlas productoras) y distribuidoras de gas participan de otros eslabones en los sectores petrolero y eléctrico, y viceversa. En materia energética Argentina se encuentra entonces frente a un verdadero oligopolio transnacional.

La investigación de la FLACSO revela que el sector gasífero fue eximido del régimen de retenciones (impuestos) a las exportaciones y que además goza del irracional privilegio de no estar obligado a liquidar en el país el 70 por ciento de los ingresos que obtiene por ventas en el exterior. Este dato es de suma importancia toda vez que las aplicadas restricciones al consumo interno de gas, provocadas por el oligopolio, se 'explican' por el aumento relativo de las exportaciones. En el período 1998-2003 la producción se expandió el 36 por ciento pero las exportaciones aumentaron 12 veces.

También pudo constatarse que las empresas que conforman este oligopolio no expandieron las redes de distribución para el consumo interno en los términos que estaban obligadas, y que concentraron sus inversiones en el desarrollo de los gasoductos operativos para el negocio exportador. Se construyeron siete ductos hacia Chile, uno a Brasil y otro a Uruguay, mientras que el kilometraje añadido a la red para el transporte interno tendió a cero.

Este comportamiento empresario, que contó hasta ahora con la complicidad del Estado privatizador porque éste no cumplió con ninguna de sus obligaciones de contralor, concluyó además en un incremento de la injusticia distributiva, al derivar otra vez recursos hacia las capas más ricas de la sociedad argentina. Más del 35 por ciento de la población no tiene acceso a la provisión de gas natural y se ve obligado a consumir gas envasado. Según datos oficiales, el gas envasado se encuentra entre los productos que mayores aumentos de precio registró en la última década.

Hasta ahora, ni las empresas ni el Estado pudieron dar otra explicación razonable sobre por qué el país entró en crisis energética y no puedo cumplir sus compromisos regionales, que no sea aquella que surge del informe de FLACSO: en primer lugar porque el oligopolio del sector se concentró en el negocio de la exportación, con márgenes de incremento en sus operaciones nunca registrado en ese mercado y con prebendas impositivas y financieras que no existen en los países desarrollados y sólo conocen antecedentes en las economías coloniales de los siglos XVI, XVII y XVIII.

Pero hay más. Porque el desabastecimiento energético opera como una herramienta de chantaje político por parte de las corporaciones y de sus principales abogados, los gobiernos del Grupo de los Siete (G-7) y el Fondo Monetario Internacional (FMI), que bregan para que sus empresas recuperen los márgenes de beneficios históricos registrados a partir de la privatización del sector.

Hace dos semanas la corporaciones energéticas actuantes en Argentina admitieron ante la prensa local que si el gobierno concede un 'aumento de tarifas razonable', ellas podrían solucionar la llamada crisis. Esta semana, de paso por Buenos Aires, el subsecretario del Tesoro estadounidense, John Taylor, se interesó en la cuestión energética y en un encuentro con empresarios del sector avaló en forma el reclamo de aumentos tarifarios.

Para este funcionario, la cuestión energética forma parte del mismo paquete de reclamos. En ese paquete se privilegia el reiterado pedido de un mayor superávit fiscal destinado al pago de la deuda y sobre todo al arreglo con los bonistas privados (acreedores en conjunto de unos 82 mil millones de dólares). El mismo día, aunque desde Washington, el FMI apoyó los dichos de Taylor.

En ese marco, el gobierno de Buenos Aires se vio obligado a sellar un acuerdo con Bolivia -suscripto por los presidentes Néstor Kirchner y Carlos Mesa- para comprar cuatro millones de metros cúbicos de gas a un precio que llega al doble de lo que pagan las distribuidoras y las industrias en el mercado local. El gas proveniente de Bolivia debe ser destinado a la provisión interna, puesto que Bolivia se negó a que sea usado para ser revendido a Chile, en atención de la tirante y peligrosa relación existente entre La Paz y Santiago en torno a los reclamos de salida al mar por parte del país del Altiplano.

Moraleja de esta fábula de intereses y presiones corporativas y hegemónicas: El oligopolio energético argentino sigue gozando del negocio exportador, libre de impuestos y sólo liquidando en el país el 30 por ciento de sus ingresos. Escondidas tras el eufemismo de comercio internacional, las empresas siguen haciendo negocios internos -ya vimos el papel de Repsol en el caso boliviano argentino- y el

consumidor local deberá pagar más por lo mismo, mientras los grupos multinacionales aumentan sus presiones para obtener aumentos tarifarios.

Para colmo de males, el telón de fondo de esta fábula aparece decorado con el debilitamiento del proceso de integración regional: cortocircuito andino porque Argentina achica sus exportaciones de gas a Chile, país cuyo consumo depende de las mismas, recalentamiento de las diferencias chileno-bolivianas y apropiación y control por parte de las corporaciones multinacionales del proceso de construcción de unidad sudamericana, proceso este que debería surgir de un acuerdo estratégico entre estados y sociedades en torno a un programa compartido de desarrollo e independencia.

Son las corporaciones energéticas las que lucran con el gas de Bolivia, una de las mayores reservas gasíferas de la región, y no su pueblo ni siquiera su Estado. Allí opera la empresa Repsol, que paga cánones de miseria por la explotación del recurso y que hubiese sido una de las beneficiarias de prosperar el proyecto de exportación hacia Chile con destino final en Estados Unidos, el que levantó a la sociedad boliviana hasta forzar la renuncia del entonces presidente Gonzalo Sánchez de Losada.

Como parte del reciente acuerdo de importación de gas boliviano, el gobierno argentino se comprometió a controlar que el mismo no sea revendido a Chile. Es probable que 'ese' gas no cruce la cordillera de los Andes pero puede ser que el mismo le permita a las firmas del oligopolio liberar 'otra' masa de combustible que sí viaje hacia el país vecino, cumpliendo así lo que las empresas no lograron concretar cuando, y a costa de cientos de muertos, el pueblo de Bolivia se sublevó contra Sánchez de Losada: proveer al mercado de Estados Unidos con el gas más barato del mundo.

Podríamos afirmar que las corporaciones van tejiendo su propio Acuerdo de Libre Comercio para las Américas (ALCA) a la vez que no olvidan de aprovechar las coyunturas para la concreción de buenos negocios inmediatos, como es el caso del grupo Techint que acaba de conseguir por parte del gobierno argentino una contratación directa -sin mediar licitación- por 793 millones de dólares, para la construcción de un nuevo gasoducto.

En medio de ese escenario preocupante sólo surgió un señal positiva, cuando el gobierno venezolano que encabeza Hugo Chávez ofreció a Buenos Aires un intercambio del fuel oil por alimentos y otros productos locales como forma de cooperación regional.

Ese acuerdo fue suscripto pero molestó a los intereses corporativos, que no tardaron en señalar que el combustible venezolano, alto en azufre, no guardaba los parámetros de calidad requeridos. La respuesta de Caracas apeló a un criterio de realismo: demostró que, en todo caso, con una mezcla apropiada, el fuel oil venezolano puede ayudar a resolver la crisis que, como demostró el informe de FLACSO, es un invento de esas mismas corporaciones oligopólicas y beneficiarias del *proceso de privatizaciones que arrasó con las economías y sociedades de nuestros países*. (APM: Agencia Periodística del Mercosur. 29/04/2004)

Apoio

CAW, CLC, USWA-CA, CGT/Fr, CFDT, CGIL, CCOO, Solidarity Center/AFLCIO

**Encontro de Trabalhador@s Petroquímicos
e Petroleiros no Mercosul -5 a 7 de maio de 2004**

**Carta dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Setor Petróleo
e Petroquímico reunidos em Salvador-Bahia (Brasil), no Seminário
Trabalhador@s Petroquímicos e Petroleiros no Mercosul**

Nós, trabalhadores e trabalhadoras das empresas de petróleo e petroquímicas do Cone Sul, reiteramos nossa posição em favor da intervenção direta do Estado em todos os segmentos do setor petróleo. Propomos a reversão imediata dos processos de privatização/flexibilização realizados e o fim de qualquer movimento que aponte para a transferência à iniciativa privada das petrolíferas estatais que atuam na região.

Considerados setores industriais de base, fornecendo insumos para uma enorme quantidade de produtos essenciais à vida digna na sociedade e interferindo nas cadeias produtivas da áreas de alimentos, saúde, agricultura, energia, têxtil entre outros; os setores de petróleo e químico estão se reestruturando com vistas ao enfrentamento da concorrência internacional e, neste sentido, a presença das estatais petrolíferas torna-se peça chave para defender a sociedade do perigo que seria a formação de monopólios e/ou cartéis no setor petroquímico.

Preocupados com o fato de que a visão empresarial tem desprezado aspectos ligados à vida dos trabalhadores, os representantes sindicais, ligados aos setores do Mercosul, reivindicam participar desta discussão no sentido de evitar os possíveis impactos negativos desta mera busca de competitividade empresarial.

O momento atual aponta para a necessidade de estabelecer um fórum tripartite (Trabalhadores, Governos e Empresários), no setor, que vise:

- A definição de um novo desenho para o setor, como a implementação de novas plantas e a definição sobre novas matérias-primas;
- A solução de problemas ambientais;
- A melhoria da remuneração e das condições de trabalho, saúde e segurança;
- A ampliação dos níveis de emprego e renda na cadeia produtiva;
- O apoio à pesquisa e desenvolvimento;
- A interrupção dos processos de terceirização. Iniciando-se, imediatamente, um movimento de primeirização das atividades permanentes;
- A defesa da redução de jornada semanal de trabalho para 36 horas sem redução de salários e benefícios no Mercosul;
- Condenar, veementemente, qualquer prática anti-sindical por parte das empresas do setor e defender a adoção das Normas e Acordos da OIT, da OCDE e do Global Compact (Pacto Global), acerca dos temas Trabalho e Ação Sindical.

Fica também evidente a importância deste processo de integração dos trabalhadores do setor, e como uma ação sindical importante deste segundo encontro dos trabalhadores do Mercosul, propomos:

- A criação de redes de trabalhadores com o objetivo de uniformizar as ações sindicais.
- A criação de comitê intersindical para visitar, em conjunto com a ICEM, todos os sindicatos de trabalhadores do setor petróleo e petroquímico do Cone Sul, com o objetivo de fomentar a participação dos mesmos em todas as atividades desenvolvidas pela CCSCS (Coordenadora de Centrais Sindicais do Cone Sul).
- A realização de, no mínimo, um encontro anual dos dirigentes sindicais dos setores petróleo e petroquímico do Cone-Sul, buscando avançar na integração das propostas e ações.
- Indicar, a organização, até o final de 2004, de um seminário sobre as práticas de negociação coletiva no setor com o objetivo de construir uma proposta de Contrato Coletivo Mínimo, a ser implantado em todas as empresas do Mercosul.
- Uma participação efetiva dos trabalhadores nos fóruns deliberativos e outros, acerca dos rumos do processo de integração do Cone Sul.

No sentido de influenciar nas mudanças ora em curso, propomos que os trabalhadores tenham assento garantido nos Conselhos de Administração de todas as empresas do setor no Mercosul.

Salvador Brasil, 07 de maio de 2004

Assinam:

CNQ FUP- CUT Brasil

SNQ FS Brasil

Federación ANCAP / PIT CNT Uruguay

FATIQYP CGT Argentina

FENATRAPECH CUT Chile

ICEM Federação Internacional de Sindicatos de Trabalhadores da Química, Energia, Minas e Indústrias Diversas.